
ENTRE *EL CORDOBÉS* E O *CATY*: A RELAÇÃO ENTRE APARÍCIO SARAIVA E JOÃO FRANCISCO PEREIRA DE SOUZA NO ESPAÇO FRONTEIRIÇO PLATINO¹.

BETWEEN *EL CORDOBÉS* AND THE *CATY*: THE RELATIONSHIP BETWEEN APARÍCIO SARAIVA AND JOÃO FRANCISCO PEREIRA DE SOUZA IN THE *PLATINO* FRONTIER SPACE

Pablo Dobke
Mestrando em História – UFSM
pablo_dobke@yahoo.com.br

RESUMO: Este trabalho integra as pesquisas que vem sendo desenvolvidas na Linha de Pesquisa “Integração, Política e Fronteira”, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria; contando com bolsa FAPERGS/CAPES. Sendo assim, o artigo propõe uma reflexão acerca da relação mantida entre Aparício Saraiva e João Francisco Pereira de Souza, mostrando o modo como estes dois agentes entraram em contato com o findar da Revolução Federalista, e os meios como ambos aproveitaram este contato para por em prática seus interesses. Neste aspecto, buscamos uma discussão dentro da história política, dos estudos biográficos, e do caudilhismo, demonstrando assim a relação destes personagens com a região fronteiriça, a partir de diferentes vínculos, aprofundando assim as investigações no âmbito da História Platina, especialmente no que tange a fronteira Brasil-Uruguaí.

PALAVRAS CHAVE: História Regional. Relações de Poder. História Política.

ABSTRACT: This paper integrates the research that has been developed in the Research Line "Integration, Policy and Border" in Postgraduate education in History of the Federal University of Santa Maria; with assistance FAPERGS/CAPES. Therefore, this article proposes a reflection on the relationship maintained between Aparicio Saraiva and João Francisco Pereira de Souza, showing how these two agents contacted the close of the Federalist Revolution, and the media as both used this contact to put in practice your interests. In this regard, we seek a discussion within the political history, biographical studies, and *caudilhismo*, demonstrating the relationship of these characters with the border region, from different links, thus deepening the investigations by the *Platina* History, especially regarding the Brazil-Uruguay border.

KEYWORDS: Regional History. Power Relations. Political History.

¹ Trabalho realizado em coautoria com Maria Medianeira Padoin; Doutora; mmpadoin@gmail.com (orientadora).

Introdução

O presente trabalho é resultado referente ao projeto de pesquisa “*Por la Patria! Relações de poder e trajetória política de Aparício Saraiva no espaço fronteiriço platino (1896 – 1904)*”, desenvolvido na Linha de Pesquisa “Integração, Política e Fronteira” do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Maria. Este trabalho faz parte do projeto guarda-chuva intitulado “História da América Platina e os processos de construção e consolidação dos Estados Nacionais do século XIX e início do século XX”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Maria Medianeira Padoin, vinculado ainda ao Grupo de Pesquisa CNPq/UFSM “História Platina: sociedade, poder e instituições” e ao Comitê “História, Regiões e Fronteiras” da AUGM. É importante destacar que o autor possui auxílio FAPERGS/CAPES.

O Projeto de Pesquisa “*Por la Patria! Relações de poder e trajetória política de Aparício Saraiva no espaço fronteiriço platino (1896 – 1904)*”, tem como mote de análise as relações de poder mantidas pelo caudilho Aparício Saraiva, expondo a perspectiva de uma releitura da trajetória política deste, perspectiva esta que traz à cena as relações sociais construídas e os espaços sociais transitados por este personagem, principalmente no que se refere ao espaço fronteiriço platino. Pretendendo, assim, elucidar certos aspectos que fizeram de Aparício o principal chefe político *blanco*, atribuindo sua atuação política, principalmente, à rede de contatos que este mantinha no já mencionado espaço fronteiriço.

Sendo assim, para este artigo nos propomos a analisar a relação que o chefe político nacionalista Aparício Saraiva mantinha com o comandante do 2º Regimento de Cavalaria e responsável pela guarda da fronteira, João Francisco Pereira de Souza. Para isto, ainda nesta introdução faremos uma breve biografia de ambos personagens para que desta forma possamos introduzi-los em nosso objetivo.

Na primeira subdivisão trouxemos a importância do chefe político riverense Abelardo Márquez e seu efetivo trabalho para que se realizasse a conexão entre Aparício e João Francisco. Atuando como mediador, Márquez fez valer seus atributos diplomáticos pautando assim o relacionamento amistoso entre os dois personagens.

Em um segundo momento, propomos uma análise acerca desta empatia entre os dois caudilhos, pautando esta apreciação em correlatos trabalhos sobre o estudo das relações de poder, assim como uma breve revisão bibliográfica e conceitualização sobre o caudilhismo, situando assim a problemática que envolve esta “amizade” entre os dois chefes políticos.

Finalizando com a terceira e última parte, abordaremos a estrutura do espaço fronteiriço entre o Brasil e Uruguai e de como este espaço proporcionou tanto para Aparício como para João Francisco, os subsídios necessários para que ambos utilizassem destes de acordo com suas necessidades, aludindo essa abordagem a uma interface teórica situada na região como conservadora de poder (SILVA, 2010).

Já nas considerações finais apontamos aportes significativos para a investigação, assim como a necessidade de ampliação dos pontos aqui mencionados, em suma, a perspectiva de um trabalho que acrescente a historiografia do referido momento.

Assim, como mencionado anteriormente, propomos aqui uma breve biografia de Aparício Saraiva e João Francisco Pereira de Souza para que posteriormente se compreenda melhor as intenções e ações de cada um.

Aparício Saraiva era o quarto filho do casal Francisco Saraiva e Pulpícia da Rosa, sul-riograndenses de Lavras que migraram para o Uruguai em uma data que segundo o historiador uruguaio Enrique Mena Segarra oscila entre 1847 e 1854 (MENA SEGARRA, 1998).

O lugar escolhido para fixar suas posses foi à extensão que compreende hoje os Departamentos fronteiriços de *Cerro Largo* e *Treinta y Tres*, este último, até o ano de 1884 ainda não havia se desmembrado do primeiro, levando a crer que Francisco era dono de uma grande extensão de terras dentro do até então Departamento de *Cerro Largo*. Foi então, que na Estância *La Chilca* (a quarta adquirida), próxima a *Cuchilla Grande* (atual Departamento de *Treinta y Tres*), que em 16 de agosto de 1856 nasce Aparício Saraiva (MENA SEGARRA, 1998).

Antes de completar seus 37 anos, se engajou na Revolução Federalista (1893-95)² em solo brasileiro ao lado de seu irmão, o comandante federalista Gumercindo Saraiva. Esta

² Evento político-militar que teve como base a luta entre Federalistas, capitaneados pelo tribuno Gaspar Silveira Martins e Republicanos, estes sob a tutela do Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos. (KÜHN, 2007). Segundo a historiadora Helga Piccolo, a Revolução Federalista foi significativa para o processo

expedição que estendeu-se pelos três Estados do sul do Brasil deu-lhe a experiência necessária para que mais tarde Aparício empreendesse uma série de revoltas no Uruguai (1896, 1897, 1903 e 1904), elevando-se a um posto de destaque dentro do Partido Nacional, figurando como um de seus principais líderes durante o período.

Em setembro de 1904, Aparício é gravemente ferido na chamada Batalha de *Masoller*, localidade esta situada na região fronteira entre Uruguai e Brasil, a poucos quilômetros da cidade de Santana do Livramento. Levado para o lado brasileiro, o comandante em chefe da revolução veio a falecer no dia 10 do mencionado mês, na estância de Dona Luiza Pereira, mãe de seu colaborador João Francisco Pereira de Souza (UMPIÉRREZ, 2007).

Nascido na cidade de Santana do Livramento a 12 de abril de 1866, João Francisco Pereira de Souza notabilizou-se desde cedo no cenário político, aos 18 anos já figurava entre um dos fundadores do Partido Republicano Santanense. Ao longo de sua vida, passou a maior parte do tempo atuando em nome do Partido Republicano Riograndense (PRR), que com o advento da Proclamação da República tornou-se hegemônico no Rio Grande do Sul sob o comando de Júlio de Castilhos (AXT, 2009).

Como comandante do “Esquadrão de vigilância de Fronteira”, tomou partido na Revolução Federalista pelo lado legalista, vindo a ser figura de confiança do presidente do Estado, Júlio de Castilhos. A ele é atribuída à morte do almirante Saldanha da Gama, o que de certa maneira contribuiu para o fim da revolta.

Passado este período fixa seu posto de comando nas serras do *Caty*, localidade situada entre Santana do Livramento e Quaraí e de lá passa a atuar livremente, tanto no que se refere aos assuntos sul-riograndenses, como aos da República Oriental do Uruguai, gerando graves desconfortos entre as nações vizinhas de Brasil e Uruguai, principalmente durante as “Revoluções Saraivistas” (CORONEL MALDONADO, 2009).

Com a morte de Júlio de Castilhos e a elevação de Borges de Medeiros a presidência do Estado, o poder de João Francisco entra em processo de diluição visto a ascensão de outras famílias (Vargas e Flores da Cunha) no contexto político da região fronteira, tal situação fez

histórico brasileiro, no momento de transição entre a Monarquia para a República, transformando assim a conjuntura social do país. (PICCOLO, 1993).

com que o antigo comandante da fronteira se transladasse a São Paulo, de onde tomou parte no movimento tenentista de 1924 e posteriormente na Revolução de 1930 ao lado de Getúlio Vargas. Faleceu no ostracismo no mesmo Estado de São Paulo no ano de 1956, recebendo uma aposentadoria simbólica como coronel da Brigada Militar, beneficiada pelo seu antigo desafeto, José Antônio Flores da Cunha (AXT, 2009).

Finalizada esta breve biografia de ambos personagens, passamos então a parte que trata da notável mediação feita por Abelardo Márquez, pois a partir deste momento a atuação dos dois caudilhos, antes divergentes no sentido de suas participações antagônicas na dita Revolução Federalista, passa a um caráter amistoso, visto as necessidades que predominavam tanto de um lado, quanto de outro.

I. A mediação de Abelardo Márquez.

A mediação de Abelardo Márquez, mais do que por em contato antigos rivais, permitiu uma maior interação entre estes dois agentes, chegando às vias de uma relação de grande amistosidade. Márquez, foi um reconhecido chefe *blanco* na região de Rivera, com grande participação nas mobilizações de 1896-97 e 1903-04, sendo nomeado comandante geral da fronteira durante os períodos belicosos.

Após o fracasso na tentativa de impedir as eleições de 1896, Aparício procura a ajuda de seu amigo pessoal e companheiro político Abelardo Márquez, para então refugiar-se em território brasileiro, fixando moradia na cidade de Bagé. No entanto, o receio de ser perseguido em solo brasileiro devido à participação na Revolução Federalista em oposição ao PRR fez com que Aparício solicitasse a proteção de João Francisco sendo intermediado por Márquez, visto que estes há anos já vinham mantendo estreita relação (CAGGIANI, 1997).

Recebendo as devidas garantias de João Francisco, Aparício começa a articular seu plano, posto de forma efetiva em 1897 com o estourar de mais uma revolução *blanca*. No entanto, vale lembrar a importância deste contato para a política do Partido Nacional personificada neste momento pelo caudilho Aparício Saraiva, assim como para os objetivos sul-rio-grandenses. Para compreender mais destas ações, o trabalho de Ana Luiza Reckziegel (1999), aponta diversos fatores que contribuíram para este enlace entre os chefes fronteiriços,

analisando a conjuntura política vivida no momento igualmente como as questões que fizeram desta relação dita pela autora como uma “diplomacia marginal” um importante subsídio para ambas aspirações.

Outro trabalho interessante e que tem basicamente o mesmo objetivo – o de mostrar as relações mantidas entre os insurgentes *blancos* e os governistas sul-rio-grandenses – é o de Luis Eduardo Coronel Maldonado (2009), porém, neste o autor expande a leitura também para a fronteira argentina, no entanto, limita-se apenas a elencar os fatos ocorridos relativos à revolução uruguaia de 1904. Quanto à abordagem, o autor opta por um olhar da diplomacia, trazendo suas tratativas, assim como um relevante apêndice documental que ajuda na compreensão dos episódios.

Então, calcado nas experiências que os três agentes até agora citados estiveram envolvidos – Abelardo Márquez, Aparício Saraiva e João Francisco Pereira de Souza – propomos uma breve discussão a guisa de análise envolvendo os estudos sobre relações de poder, redes de contato e outros fatores que possam contribuir para este trabalho.

A importância das redes na construção de uma solidez estratégica em períodos de convulsão política, somados as relações estabelecidas em distintos estratos sociais, permite por sua vez compreender o quão dinâmicas são as relações humanas, concebendo essa rede como um conjunto específico de conexões, assim como para Imízcoz (2004), é definido por um grupo de pessoas que com propriedade de características de ditas conexões, podem ser interpretadas em determinado comportamento social.

A partir das colocações pautadas acima, considerando que as redes e as relações são pautadas em uma série de estratégias e dinâmicas sociais atreladas entre si e com distintas finalidades, nos parece evidente que esta prática só é possível devido às relações estabelecidas entre agentes que estão de acordo com a mesma finalidade. Muito mais que a ordem de uma instituição política, seja ela um partido, um clube ou uma facção, as relações de poder mantidas entre os pontos deste fenômeno se mostram como uma das chaves para a ampliação e debate acerca do tema.

Neste sentido, as discussões levantadas por Juan Carlos Garavaglia (1996, 1999, 2004, 2007 e 2012) que ao longo de mais de quinze anos se dedicou a investigação das relações de poder e suas nuances dentro de um espaço que vai deste o período colonial até a

formação dos Estados americanos. Estes nos possibilitam uma incursão no tema que tem por sua vez, características em comum ao até agora referenciado; o autor aponta uma série de situações tidas como ritualísticas, que vão desde as festas e reuniões sociais onde os agentes até agora citados tinham a oportunidade de interagir e operar de acordo com suas demandas, até a própria representação política recaída muitas vezes como forma de apreciação, valorização e reconhecimento. Para o autor, estas representações mantidas a partir de novos conceitos adotados com a valorização política, principalmente do espaço rural frente às cidades produzem atos ritualizados de poder, conformando uma estrutura de coesão social, especialmente ao se tratar dos atores que dentro do “teatro do poder” concordam em suas expectativas.

Assim, a mediação de Márquez estava inserida em um determinado discurso, que reconhecido pelos outros dois agentes tornou-se balizador para que a amistosidade gerada fosse reconhecida e praticada nas mais diferentes formas. Baseado nestes pressupostos, percebemos que as relações que se produziram a partir das estruturas sociais nas quais estavam associados os distintos agentes conformam um parâmetro abrangente de análise que, no entanto carece ainda de maiores estudos, no entanto, na próxima parte abordaremos mais acerca destas relações, assim como introduziremos um outro elemento importante para o entendimento e análise das relações mantidas entre Aparício e João Francisco, o caudilhismo.

II. Caudilhismo e relações de poder em uma breve análise aplicada.

Nos últimos anos, as pesquisas historiográficas sobre o conceito de caudilho/caudilhismo vêm tratando de ressignificar o termo, ampliando sua abordagem, propondo novos olhares acerca da temática que já vinha sendo saturada e quase sempre vinculada aos conceitos de personalismo e clientelismo. Uma dessas novas abordagens aponta a perspectiva de trabalhar com o caudilhismo a partir do ponto de observação do próprio caudilho, pois cada caso aponta uma característica específica e influenciada por distintos fatores.

Neste sentido, procuramos organizar alguns trabalhos que orientem nossa análise neste significado e, sobretudo, para que amplie nossa reflexão, buscando assim um olhar

prismático sobre o assunto. No entanto, não deixaremos de mencionar aqui algumas obras clássicas acerca do tema, para que estas sirvam de baliza e indiquem os pontos mais sensíveis que necessitam ser revisitados e discutidos.

A clássica obra de Domingo Faustino Sarmiento (2010), *Facundo*, publicada originalmente em 1845 é ainda o pilar mestre quando há referência ao assunto, no entanto, o pecado está justamente em generalizar a obra ao aplicá-la em diferentes contextos, que estranhos a Faustino Sarmiento e ao período em que a obra foi escrita tornam sua utilização um tanto quanto equivocada.

Outro exemplo semelhante é a obra *El caudillismo y la revolución americana*, de Manuel Herrera y Obes e Bernardo Prudencio Berro (1966), publicado em forma de discussão no periódico uruguaio *El Conservador* (1847). Neste, os autores prestam uma revisão ao já concorrido tema de discutir o fenômeno caudilhista na América Platina pós-independência tomando como exemplos outras obras, contudo, procuram vincular-se a estas ideias de acordo com a ideologia política a qual são seguidores, Herrera y Obes ligado ao partido *Colorado* e Berro ao *Blanco*.

No entanto, escrevem de acordo com suas realidades, não adotando ao “pé da letra” os conceitos anteriormente escritos. Preocupam-se em ampliar e problematizar certos aspectos, porém, as paixões políticas de ambos promovem muito mais acusações do que respostas, aguçando assim as lutas políticas, que movidas pela violência sobrepujavam as reflexões sobre o assunto.

A complexidade de uma caracterização ou conceitualização de suas variações faz do caudilhismo um desafio ante o revisionismo histórico. A questão da contribuição dos caudilhos para a formação do Estado-Nação e sua relação com a organização constitucional, mostrando que estes chefes também lutavam por princípios é um dos pontos levantados atualmente no que toca a revisão historiográfica, procurando um distanciamento entre o “caudilhismo e barbárie” da construção de Sarmiento. Segundo Pablo Buchbinder (1998), historiadores como Emilio Ravignani trataram de desarmar este tema, incorporando os caudilhos a uma história constitucional da nação, sendo assim, umas das mais duráveis contribuições a este revisionismo.

Tomando como ponto de partida uma base social e política, o caudilho que atuava principalmente calcado em uma hierarquia militar devido a sua forma de reivindicar determinadas situações políticas através da guerra³, produziu a partir dessa estrutura uma rede territorial que foi ao mesmo tempo urbana e rural à medida que ambas zonas iam se incorporando na vida política, principalmente a partir das aspirações autonômicas regionais e suas assembleias representativas.

Desta maneira, o trabalho de Noemí Goldman e Sonia Tedeschi (1998) nos fazem refletir acerca desta interface do caudilhismo, estando este em um caráter de relação estabelecido entre campanha e cidade, representado por um modo de inclusão do meio rural a vida política.

Estas reinterpretações do caudilhismo, principalmente as ligadas a sua característica militar, eram ligadas a “selvageria” em um primeiro momento, nos aparece desta vez como uma hipótese de organização social e política, fazendo com que os espaços circulados pelo caudilho na função de mediador interagissem ao modo de entrelaçar-se em uma trama, onde as relações aparecem hierarquizadas, mas de uma forma diferente, pois o caudilho, para manter-se no poder era obrigado a negociar com diferentes agentes seja para consolidar os anseios de seus pares políticos ou da população que era representante.

Em face ao apoio dado aos caudilhos, se faz importante à análise de como esse aporte era concebido em relação à questão política levantada por estes chefes. Apesar das distintas formas de expressão, os caudilhos sempre preocuparam-se em mobilizar sua “clientela” e que de alguma forma estes se vinculavam a um processo de politização; Para Marcela Ternavasio (1998), se torna importante considerar a forma em que as interpelações ideológicas dos caudilhos foram recepcionadas por seus seguidores.

Outra questão importante, imbricada a anterior, faz referência as diferentes formas de interpretação que estes seguidores faziam da postura política do caudilho; Ricardo Salvatore (1998) aponta as diferentes formas de interpretação e as desigualdades dessa diversidade. Tal análise permite compreender melhor o apoio popular ao projeto político do caudilho me uma perspectiva diferente da tradicional onde o autor aponta o conceito de “mentalidade popular”

³ Para uma leitura política da guerra, ver: AZÉMA, 2003, p. 401-439.

onde estão imbricadas práticas cotidianas para que o caudilho se fizesse entender perante suas hostes bancando sua causa.

Estes aspectos nos fazem pensar acerca do discurso político do caudilho e de como este se posicionava frente a uma estrutura política perante aos acaudilhados. Pois, este chefe, mesmo que possuidor de uma característica local tinha por consequência um plano maior, um fio condutor que regia suas ações. No nosso caso, Aparício Saraiva era possuidor de um *ethos* que o colocava como um “igual” frente aos seus seguidores, pois, apesar de pertencer a uma esfera política e econômica superior, Saraiva fazia valer as práticas cotidianas da campanha para colocar seus planos políticos vinculados ao Partido Nacional, compreensíveis frente aos *paisanos*; do mesmo modo agia João Francisco, mesmo que a historiografia tradicional nos apresente um caudilho aos moldes de *Facundo*, podemos, agora, interpretar suas ações de uma outra maneira, pois sabemos o quanto este chefe político e militar foi importante para as aspirações do PRR na região fronteira ao Uruguai, mobilizando e organizando um corpo coeso de acordo com as pretensões das quais era seguidor.

Nesta perspectiva referente às adesões, Ariel de la Fuente (1998) investigou as razões que levaram os *gauchos/gaúchos* a mobilizarem-se em torno de um caudilho e participarem ativamente de suas empreitadas. Para o autor uma série de motivações levava estes homens a engajarem-se nas *montoneras* encabeçadas pelos caudilhos o que pode nos auxiliar na ampliação de análise referente ao perfil social tanto do caudilho quanto dos *paisanos* que o acompanhavam, que em determinados casos – como aponta o autor em sua investigação – estavam longe de ser meros desocupados ou criminosos como apontava a historiografia tradicional sobre o tema e sim trabalhadores rurais que em busca de soluções imediatas mobilizavam-se por motivações distintas, operando, por certa vez, de uma maneira pactual com o caudilho, o que lhes dava capacidade de contestação caso algum compromisso não viesse a ser cumprido.

As ampliações do conceito de caudilhismo vistas até aqui nos fazem considerar o quão dinâmicas foram às relações sociais construídas pelo caudilho ao longo de sua trajetória. As estratégias utilizadas pelo caudilho em determinado momento representam um modo de operar frente aos seus correligionários.

Raúl Fradkin (2010) nos apresenta as características dessa estratégia alusiva à mobilização adotada pelos caudilhos no que se refere principalmente as zonas rurais e que a persuasão política adotada por estes chefes definiam uma serie de fatores que adotados por seus acaudilhados determinavam as bases de seu discurso político. Outra investigação do mesmo autor em coautoria com Silvia Ratto (2008) demonstra o quanto à adesão regional é importante na estruturação do embasamento político e militar do caudilho. Fradkin e Ratto realizam seu trabalho com o propósito de identificar as marcas desta liderança territorial assim como suas bases de sustentação, as estratégias que construíram e as alianças que buscaram implantar.

Em trabalho recente, Fradkin (2012) busca discutir a relação existente entre os corpos milicianos a serviço de um caudilho e a sociedade a qual estavam inseridos, pois como fora visto anteriormente em trabalhos do mesmo autor, a ligação entre estes, o caudilho e o território a qual pertenciam estava intimamente ligada ao fato da busca soluções, sejam elas imediatas baseadas no anseio das populações ou em prol de um projeto político maior que atrelado a uma instituição permitiam uma mobilização de laços sociais locais atrelando vontades em via de um acordo e/ou um bem em comum em antagonismo a forças alheias que de certo modo poderiam representar a desestruturação de uma política administrativa ou de um modo de vida, visto a inserção de diferentes setores da sociedade nestas disputas.

Contudo, a conjuntura social da qual estes atores faziam parte já foi obra de estudo do historiador Rubén Héctor Zorrilla (1994); *Extracción social de los caudillos*, publicado originalmente em 1978 trouxe valiosas contribuições à investigação do fenômeno caudilhista, especialmente naquilo que toca a composição social da trama na qual o caudilho estava inserido.

Entretanto, após diversas indagações, o autor reflexiona acerca do circulo familiar do caudilho. Interessado fundamentalmente em diagnosticar os níveis sociais em que se localizavam determinados familiares, Zorrilla propôs uma orientação de pesquisa acerca da posição alcançada pelo caudilho e se este resultado era subsidiado justamente por estes familiares que poderiam ter um posto de destaque, exercendo certas ocupações que permitissem a ascensão ou estabelecimento deste. Para o autor, a semelhança dos casos gera uma hipótese neste sentido, pois a grande maioria dos caudilhos – obviamente que houveram

exceções – era oriundo de uma base social específica que lhes permitia tal papel e atividade, assim,

A hipótese é que as regularidades que puderam ser descobertas nas diferentes pistas (níveis de estratificação e, por tanto, relações de congruência ou incongruência de status, formas de mobilidade e ocupações) denunciariam fenômenos estruturais sociologicamente significativos. Quer dizer, que não poderia ser por azar que quase todos os caudilhos pertenceram a um determinado estrato social, passando por determinadas vias de mobilidade e ocupando papéis semelhantes. Uma hipótese adicional sujeita ainda a comprovação, ainda que utilizada, é que a significação especificamente política do caudilhismo só pode explicar-se por estas inserções estruturais (ZORRILLA, 1994, p. 11)⁴.

De modo óbvio, a associação a outras leituras nos darão um panorama maior a respeito do assunto, no entanto, a questão que é colocada se faz pertinente visto a trajetória familiar tanto de Aparício como de João Francisco e a importância destas frente às ascensões como líderes políticos e militares.

No nosso caso, as situações então abordadas nos fazem compreender como os dois agentes chegaram a determinados pontos em suas trajetórias e servem de norteadores para a ampliação do tema em um tempo de longa duração, pois como podemos observar em nossas leituras, a conceitualização do fenômeno caudilhista ainda se mantém muito presa aos processos de emancipação e no período de pós-independências, onde uma elite *criolla* disputava o poder partindo de incipientes reclames políticos que somados a outros fatores se faziam pertinentes ao momento. Assim, o alargamento do tempo a ser estudado, pode nos trazer novas considerações a respeito do tema, pois o caudilhismo tardio a fins do século XIX apresenta uma série de outras características que até então foram pouco tocadas e são merecedoras de maior atenção.

Os estudos aqui apresentados, devido a sua contribuição para o alargamento da temática que gira em torno da conceitualização do fenômeno caudilhista, especialmente aquele reproduzido no espaço platino, são considerados relevantes ao nosso trabalho, pois nos auxiliam a analisar de forma mais ampla o assunto. Visto a complexidade do tema e o grande índice de interpretações feitas pela historiografia ao longo dos anos, as abordagens sobre a

⁴ Tradução livre do autor.

atuação dos caudilhos podem ser balizadas em cinco vias mestras: inserção social, família, representação política, comandância militar e localismo, sendo todas estas pautadas pelas relações de poder construídas ao longo da trajetória de determinado chefe.

Creemos que a partir destas breves introduções o entendimento acerca do que conforma o nosso trabalho se torne mais evidente, pois nossos atores apresentavam praticamente as mesmas características o que propõe uma análise de aproximação, pois ambos e os distintos motivos relativos ao período fizeram com que compartilhassem não só das estratégias de poder como também de um ambiente em comum, uma vez que circulavam por espaços relativamente semelhantes, espaço este que de distintas maneiras acabava por conformar o aspecto de quem o vivia, assim, propomos na próxima parte uma reflexão sobre este espaço, a região fronteira entre Uruguai e Brasil.

III. Espaço fronteiro, espaço de vínculos.

O espaço fronteiro entre Uruguai e Brasil desde longo tempo é caracterizado por uma profunda e dinâmica interação, aspecto este que o coloca em uma posição distinta onde a construção das relações e das identidades se faz de uma maneira peculiar, assim é importante enfatizar o colocado pela historiadora Ana Luiza Reckziegel no que toca essa relação entre o estado brasileiro Rio Grande do Sul e o Uruguai:

É importante destacar que o relacionamento entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai foi estruturado em uma região na qual se reconhece uma identidade comum, se bem que subordinada a Estados distintos. Esta área compartilhada desde os primórdios de sua ocupação fez esta região uma zona comum, não propriamente pelo espaço que ocupa, mas sim pela história que as une. Para tanto, a noção conceitual de região com a qual imaginamos esta interação não pode ser vista como algo previamente estabelecido, mas a partir de uma perspectiva de que esta região foi construída ao longo do processo histórico concreto. Nesse sentido, verificamos que se formou nessa zona um espaço de autodeterminação que só pode ser completamente apreendido se levarmos em conta a posição diferenciada do Rio Grande do Sul em relação ao restante do país seja por seu modelo econômico, seja pela peculiaridade de sua fronteira viva em constante movimento (RECKZIEGEL, 2010, p. 1).

A autora menciona a questão da identidade em comum que permeia este espaço, assim como sua intensa interação que aparece conflituosa em determinados momentos, fazendo com que nossos agentes emergissem neste cenário, agindo tanto de um lado como de outro, dependendo da questão, atuando principalmente em momentos específicos de conturbação política (RECKZIEGEL, 2010, p. 2).

Levando em conta estes fatores que envolvem o aspecto regional acerca do poder político e as redes de relações, tomamos como ponto de reflexão o trabalho de Márcia da Silva (2010) “A rede social como metodologia e como categoria investigativa: possibilidades para o estudo dos “territórios conservadores de poder””; neste, a autora aponta debates sobre a formação destes territórios, onde a contextualização está justamente no dinamismo das relações de poder, não limitando-se a fronteiras político-administrativas legitimando as bases da construção e organização de um espaço conjunto.

Desta maneira, as relações de poder constituem-se a partir de um determinado espaço, fazendo que a interação relacional seja complexa, agindo de forma desigual em determinados casos; assim:

As relações de poder decorrem de interações intencionais ou fortuitas (pessoais e institucionais) entre diversos atores que definem instrumentos de poder diferenciados para os atores políticos potenciais, tornando alguns deles mais capazes de fazer valer seus interesses do que outros, além de conduzir alguns atores potenciais em direção à irrelevância (MARQUES, 2003; apud SILVA, 2010, p. 40).

Ainda acerca deste aspecto regional, naquilo que toca os habitantes da fronteira, buscamos como parâmetro a definição contida no texto “*Propuesta de definición histórica para región*” de Arturo Taracena (2008); onde o autor coloca que a região não é determinada pelo Estado-Nação e sim por um território com características próprias, um espaço construído no âmbito social, muitas vezes antecedente ao Estado consolidado. Outra questão importante levantada pelo autor é de que a região de fronteira não possui um limite precisamente definido, pois ela esta sujeita à temporalidade e a capacidade de sua territorialização, principalmente naquilo que tange as elites regionais e os grupos sociais dominantes.

Retomando a questão acerca das conexões de Aparício e João Francisco, vinculadas estreitamente ao amigo em comum – Abelardo Márquez – podemos perceber o quanto este foi

importante para a consagração da citada relação, convertendo seus atributos, principalmente àqueles ligados a política e a interação que mantinha no dito espaço, em crédito na contribuição para a aproximação dos dois chefes, os quais souberam tirar proveito de tal situação para esquematizar seus projetos.

É impossível pensar nesta questão sem mencionar os estudos de Pierre Bourdieu (2008) acerca da “Produção da Crença”, pois com a legitimação das prerrogativas amistosas, Márquez transfere a crença obtida de ambos gerando o “Capital Simbólico” necessário para que a relação de Aparício e João Francisco se solidifique; produzido o mecanismo, este garante certos atributos que não podem ser destruídos, pois, a partir deste sistema – os produtores da crença – desempenham a função ideológica da força, reproduzindo assim a ordem social e a permanência destas relações. No entanto, cada relação é o produto de estratégias complexas, cuja eficácia não depende só da força material e simbólica das partes envolvidas, mas também na habilidade de mobilizar determinado grupo, seja suscitando a compaixão ou a indignação.

Assim, o espaço fronteiro, além de conformar por si só uma série de relações que ao longo do tempo vão se tornando características deste ambiente, permite que seus habitantes se relacionem em um dinâmica diferente de outros locais fazendo com que práticas sociais distintas e neste caso, em uma esfera que abarca as relações de poder em prol de objetivos que por sua vez acabam por abarcar um elo de situações que se apresentam de diferentes maneiras, sendo a principal delas, a política.

Desta maneira, podemos nos balizar no historiador francês Pierre Rosanvallon (2010); onde este define o político e sua relação política como múltiplos fios que tecem uma trama e assim conferem um quadro geral envolvendo discursos e ações, remetendo a um todo dentro de uma sociedade, além de uma compreensão do político como seguimento da política através do que é denominado como “racionalidade política”, onde todo o sistema é operado por via das representações adquirindo um caráter complementar à História das Mentalidades, das Ideias e mesmo dos acontecimentos, com os quais reconhece a necessidade de dialogar e interagir.

Considerações finais

As discussões levantadas aqui fomentam inúmeros trabalhos acadêmicos e ao que tudo indica, ainda estão longe de findarem-se. A situação apresentada neste trabalho toca em um ponto, que mesmo longe de ser totalmente solucionado, ainda trás controvérsias no âmbito da historiografia. A tentativa aqui foi a de instigar reflexões acerca da problemática que envolvem as relações de poder em uma esfera dinâmica de um mesmo espaço, que compartilhado ao fenômeno do caudilhismo nos permitem uma ampliação acerca da temática.

A perspectiva de trabalhar com o espaço fronteiriço, trajetória, redes de relações e a construção de uma sociabilidade, permite observar o quão dinâmico foi esse espaço, construído pelas praticas humanas ao longo do século XIX. Homens típicos da fronteira, representaram uma sociedade específica do século XIX, onde a integração, as relações de poder, as disputas e alianças estiveram presentes, constituindo assim sua rede onde circulava de acordo com seus propósitos.

Em síntese, esse trabalho expõe parte da pesquisa que vem trabalhando com a perspectiva de releitura da trajetória de Aparício Saraiva, perspectiva que traz à cena as relações sociais construídas e os espaços sociais transitados por este personagem, principalmente no que se refere à região fronteiriça platina.

Dessa forma, percebemos que esse estudo contribui para o aprofundamento da temática no âmbito da Linha de Pesquisa “Integração, Política e Fronteira” do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, como também, para os demais estudos vinculados ao tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AXT, Gunter. 56 anos sem a Hiena do Cati. **Voto: Política & Negócios**. Porto Alegre, Junho, 2009. Disponível em: <http://www.revistavoto.com.br/site/colunistas_detalhe.php?id=60&t=56_anos_sem_a_Hiena_do_Cati>. Acesso em 14 jan. 2012.

AZÉMA, Jean-Pierre. A guerra. In: RÉMOND, Réne. (Org.). **Por uma história política**, 2ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 401-439. Tradução: Dora Rocha.

BERRO, Bernardo Prudencio; HERRERA y OBES, Manuel. El caudillismo y la revolución americana. **Colección de clásicos uruguayos**, n. 110, 1966. Disponível em: <<http://www.artigas.org.uy/bibliotecas/cu/110.%20E1%20caudillismo%20y%20la%20revolucion%20americana/Libro.pdf>>. Acesso em 26 jun. 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença: produção para uma economia dos bens simbólicos**, 3ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2008. Trad: TEIXEIRA, Guilherme João de Freitas; SETTON, Maria da Graça Jacintho.

BUCHBINDER, Pablo. Caudillos y caudillismo: una perspectiva historiográfica. In: GOLDMAN, Noemí; SALVATORE, Ricardo. (Org.). **Caudillismos Rioplatenses. Nuevas miradas a un viejo problema**. Buenos Aires: EUDEBA, 1998. p. 31-50.

CAGGIANI, Ivo. **João Francisco: a hiena do Catí**. 2ª edição, Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

CORONEL MALDONADO, Luis Eduardo. **1904: Aparicio Saravia y los diplomáticos**. Montevideo: Trandico, 2009.

FRADKIN, Raúl. La revolución en los pueblos del litoral rioplatense. **Estudios Ibero-Americanos**, v. 36, n. 2, 2010. p. 242-265.

FRADKIN, Raúl. Guerra y sociedad en el litoral rioplatense en la primera mitad del siglo XIX. In: GARAVAGLIA, Juan Carlos; PRO RUIZ, Juan. ZIMMERMANN, Eduardo. (Org.). **Las fuerzas de guerra en la construcción del Estado: América Latina, siglo XIX**. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2012. p. 319-356.

FRADKIN, Raúl, RATTO, Silvia. Territorios en disputa. Liderazgos locales en la frontera entre Buenos Aires y Santa Fe (1815-1820). In: FRADKIN, Raúl; GELMAN, Jorge. (Org.). **Desafíos al Orden Política y sociedades rurales durante la Revolución de Independencia**. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2008. p. 37-60.

FUENTE, Ariel de la. “Gauchos”, “Montoneros” y “Montoneras”. In: GOLDMAN, Noemí; SALVATORE, Ricardo. (Org.). **Caudillismos Rioplatenses. Nuevas miradas a un viejo problema**. Buenos Aires: EUDEBA, 1998. p. 267-291.

GARAVAGLIA, Juan. El teatro del poder: ceremonias, tensiones y conflictos en el estado colonial. **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana “Dr. Emilio Ravignani”**, n. 14, 1996. Disponível em: <http://ravignanidigital.com.ar/_bol_ravign/n14/n14a01.pdf>. Acesso em 26 jun. 2014.

GARAVAGLIA, Juan. **Poder, conflicto y relaciones sociales. Río de la Plata, XVIII-XIX**. Rosario: Horno Sapiens Ediciones, 1999.

GARAVAGLIA, Juan. Manifestaciones iniciales de la representación en el Río de la Plata: la revolución en la laboriosa búsqueda de la autonomía del individuo (1810-1812). **Revista de Indias**, v. LXIV, n. 231, 2004. p. 349-382.

GARAVAGLIA, Juan. **Construir el estado, inventar la nación**. El Río de la Plata, siglos XVIII-XIX. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

GARAVAGLIA, Juan. Servir al Estado, servir al poder: la burocracia en el proceso de construcción estatal en América Latina. **Almanack**, n.3, 2012. Disponível em: <<http://www.almanack.unifesp.br/index.php/almanack/article/view/907>>. Acesso em: 26 Jun. 2014.

GOLDMAN, Noemí; TEDESCHI, Sonia. Los tejidos formales del poder: caudillos en el interior y el litoral rioplatenses durante la primera mitad del siglo XIX. In: GOLDMAN, Noemí; SALVATORE, Ricardo. (Org.). **Caudillismos Rioplatenses. Nuevas miradas a un viejo problema**. Buenos Aires: EUDEBA, 1998. p. 135-157.

IMÍZCOZ, José Maria. Actores, redes, procesos: reflexiones para una historia más global. **Revista da Faculdade de Letras, História**. Série III, v. 5. Porto: Edição digital, 2004. p. 115 – 140. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2378.pdf>>. Acesso 26 Ago. 2013.

KÜHN, Fábio. O Rio Grande do Sul durante a República Velha. In: _____. **Breve história do Rio Grande do Sul**, 3ª ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2007: p. 105 – 117.

MENA SEGARRA, Enrique. **Aparicio Saravia, las ultimas patriadas**. Montevideu: Ediciones de la Banda Oriental, 1998.

PICOLLO, Helga Iracema Landgraf. A Revolução Federalista no Rio Grande do Sul: considerações historiográficas. In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. (Orgs.). **Pensar a Revolução Federalista**. Rio Grande: Editora da FURG, 1993: p. 65 – 82.

RECKZIEGEL, Ana Luiza. **A diplomacia marginal. Vinculações políticas entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai (1893-1904)**. Passo Fundo: UPF Editora, 1999.

RECKZIEGEL, Ana Luiza. Aparicio Saravia: um caudilho de duas pátrias. **Estudios Historicos**. Ano: II, n. 4, Rivera: CDHRP (Edição digital), 2010. p. 1 – 20. Disponível em: <http://www.estudioshistoricos.org/edicion_4/ana-luiza-setti.pdf>. Acesso 05 Abr. 2014.

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. São Paulo: Alameda, 2010.

SALVATORE, Ricardo. “Expresiones Federales”: formas políticas del federalismo rosista. In: GOLDMAN, Noemí; SALVATORE, Ricardo. (Org.). **Caudillismos Rioplatenses. Nuevas miradas a un viejo problema**. Buenos Aires: EUDEBA, 1998. p. 189-222.

SARMIENTO, Domingos Faustino. *Facundo ou Civilização e Barbárie*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. Tradução: Sérgio Alcides.

SILVA, Márcia da. A rede social como metodologia e como categoria investigativa: possibilidades para o estudo dos “territórios conservadores de poder”. In: PEREIRA, Silvia Regina; COSTA, Benhur Pinos da; SOUZA, Edson Belo Clemente de (Orgs.). **Teorias e práticas territoriais: análises espaço-temporais**. São Paulo: Expressão Popular, 2010: p. 37 – 52.

TARACENA, Arturo. Propuesta de definición histórica para región. In: **Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México**, n. 35, Janeiro-Junho, 2008: p. 181 – 204.

TERNAVASIO, Marcela. Entre la deliberación y la autorización. El régimen rosista frente al dilema de la inestabilidad política. In: GOLDMAN, Noemí; SALVATORE, Ricardo. (Org.). **Caudillismos Rioplatenses. Nuevas miradas a un viejo problema**. Buenos Aires: EUDEBA, 1998. p. 159-187.

UMPIÉRREZ, Alejo. **La forja de la libertad**. Montevideu: Ediciones de La Plaza, 2006.

ZORRILLA, Rubén. *Extracción social de los caudillos*. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1994.